SEMFILTRO

Uma iniciativa da LLYC

QUANDO O DEBATE VANDALIZADO
PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

ÍNDICE

01 INTRODUÇÃO

02 MANIFESTO

03 COMO MEDIR A POLARIZAÇÃO DO DISCURSO SOBRE FEMINISMO?

04 FALAMOS MENOS E PIOR DE IGUALDADE

05 O FEMINISMO PRESO A UMA QUESTÃO DE LADOS

- No X, 50% se opõem à causa feminista
- Aqueles que inicialmente se apresentam como céticos ao feminismo também tendem a radicalizar-se

06 OS ROSTOS DA NARRATIVA ANTI-IGUALDADE

- Uma em cada duas mensagens caracterizam as feministas por sua ideologia ou seu radicalismo
- O feminismo entendido como ameaça à família ou ao casamento
- Culpadas pela “perda” dos seus direitos
- A crença da igualdade alcançada
- As figuras públicas como ativadoras da polarização
- Geografia radical: como o país onde nasci influencia minha maneira de pensar?

07 UMA DIVISÃO DELIBERADA ENTRE GERAÇÕES

- A desigualdade de gênero na era dos algoritmos

08 RADIOGRAFIA DO PÓS ANTIFEMINISTA

- O insulto como argumento

09 DEZ PRINCIPAIS CONCLUSÕES QUE APRENDEMOS NESTE RELATÓRIO

FILTRO
Uma iniciativa da LLYC

O debate sobre igualdade foi sequestrado.

O que poderia ser um diálogo aberto e construtivo transformou-se em um campo de batalha.

Os insultos e as inverdades tornaram-se protagonistas. Os extremos apropriaram-se do debate, ocupando o espaço deixado por aqueles que não querem que suas ideias sejam vandalizadas pela polarização e preferem abandoná-lo.

Para continuarmos avançando e para que a sociedade seja mais diversa e mais justa, precisamos recuperar um filtro, o da igualdade, e fomentar, assim, o debate tranquilo, em que homens e mulheres possam expressar com naturalidade os seus pontos de vista, compartilhar as suas experiências e propor novas ideias.

LLYC apresenta:

SEMFILTRO

Uma iniciativa da **LLYC**

QUANDO O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

Um filtro que não apaga a conversa, mas a resgata e a diferencia do barulho e do confronto para encontrar pontos em comum.

DIFERENÇA

O filtro da igualdade é uma ferramenta visual que mostra como a radicalização distorce o debate sobre igualdade nas redes sociais. As mensagens aparecem cheias de insultos e rasuras em vermelho, tornando-as ilegíveis, assim como o ruído externo impede o verdadeiro debate.

Ao aplicar um filtro da mesma cor, os ataques desaparecem e a mensagem original é revelada de forma intacta. Não se trata de censurar, mas de restabelecer o debate, permitindo que a igualdade avance sem ser sequestrada pelos extremos.

O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o debate sobre igualdade de gênero evoluiu para um ponto alarmante, apesar de as reflexões sobre o feminismo e os direitos das mulheres terem alcançado grande visibilidade na agenda social, legislativa e midiática. Agora, estamos diante de um novo paradigma: a fadiga do discurso sobre o feminismo, sua polarização extrema e o ressurgimento de narrativas que procuram deslegitimar a luta pela igualdade.

A LLYC não pode ignorar esta realidade: estamos diante de um momento crítico no qual o barulho e o silêncio só tornam mais difícil nos entendermos e avançarmos juntos.

Esta situação desanimadora é evidenciada pelos dados coletados pela LLYC, que demonstram que falar menos sobre igualdade fortaleceu posturas contrárias a ela. Nos países onde o discurso feminista perdeu relevância, as vozes antifeministas ocuparam esse vazio, impondo narrativas que distorcem a realidade.

Além disso, em muitos casos os argumentos a favor da igualdade estão perdendo espaço para discursos que caracterizam o feminismo como uma ameaça e alimentam uma narrativa de rejeição baseada em medos infundados e desinformação. Esta tendência não apenas ameaça os avanços conquistados em termos de igualdade como também dificulta o progresso em direção a uma sociedade mais justa e diversa.

Por outro lado, uma das descobertas mais preocupantes é a recente ruptura ideológica que separa a população em duas posições aparentemente inconciliáveis, tanto no âmbito de gerações como de gênero. Esta disparidade de opiniões reflete uma divisão alimentada por algoritmos que amplificam os discursos mais radicais. Isto, somado ao fato de a polarização ter se transformado em uma das grandes ameaças do século XXI, fez com que o feminismo passasse de um motor de mudança para alvo de confronto para alguns.

Mas, para além do diagnóstico, este estudo também é um chamado à ação. Porque se os dados podem nos alertar sobre o rumo do debate, é nossa responsabilidade coletiva evitar que a polarização e a desinformação freiem a caminhada em direção à igualdade real e efetiva para todos e todas.

COMO MEDIR A POLARIZAÇÃO DO DISCURSO SOBRE FEMINISMO?

O fenômeno da polarização faz parte do nosso dia a dia e é um dos maiores riscos para a estabilidade dos estados democráticos porque dificulta o consenso, afeta a estabilidade social e cria obstáculos para avançarmos em direção a uma convivência mais equitativa. A LLYC, como consultoria diariamente conectada à agenda empresarial e social, sempre se preocupou com esse tema, e foi isso que constatamos no estudo *The Hidden Drug*, sobre o poder viciante da polarização no debate público.

Um dos espaços onde esta polarização se faz mais evidente é outro debate com o qual estamos estreitamente comprometidos: o feminismo e a igualdade de gênero, um dos territórios com maior nível de polarização na Espanha, Portugal e América Latina. Uma divisão que, longe de encontrar um ponto de convergência, transformou-se em um dos **principais obstáculos que rompem os avanços para eliminar a desigualdade de gênero.**

Além disso, levando em consideração a crescente **divergência ideológica entre mulheres e homens jovens, e depois de observar que pela primeira vez na história as gerações jovens** estão completamente polarizadas em todo o mundo, chegando inclusive a se falar de "duas gerações em uma", existem muitas perguntas sobre o radicalismo de um espectro ideológico em relação ao outro, seus pontos de convergência ou a pluralidade de opiniões das duas posições.

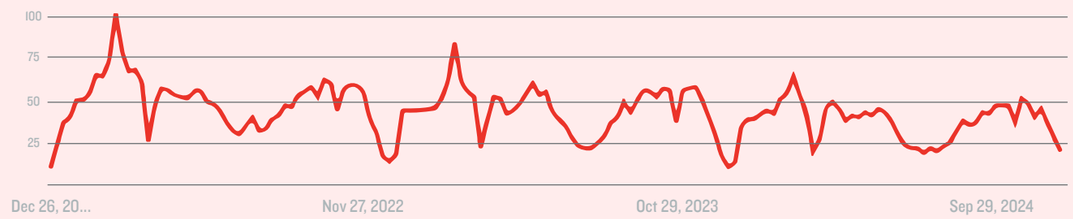
Pesquisar sobre isto exige uma visão global para identificar as semelhanças e diferenças entre países e compreender o que nos separa. Para isso, foram analisadas as conversas no X em **12 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana)**, o que permitiu estudar 8,5 milhões de mensagens sobre debates feministas e antifeministas em 2024. Foram somadas a esta análise 5,4 milhões de publicações feitas entre 2022 e 2024 que atacam defensores da igualdade e justificam posturas antifeministas.

Para isso, aplicamos técnicas de Aprendizagem Automática (Machine Learning) focadas na análise e no agrupamento de conjuntos de dados não rotulados (aprendizagem não supervisionada) e no uso de técnicas de clustering, empregando algoritmos Force Atlas 2. Isto nos permitiu processar estas mensagens diferenciadas em **78 comunidades de debate**, identificando padrões de discurso e analisando as comunidades em função do seu distanciamento ou radicalismo em relação a posturas moderadas.

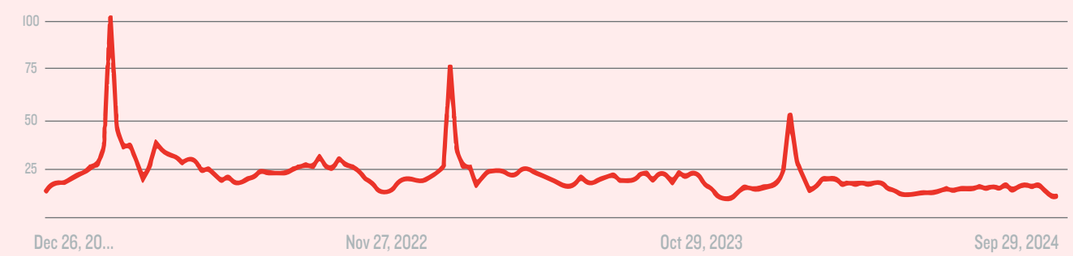
Também recorremos a técnicas de processamento de linguagem neural (**Natural Language Processing ou NLP**) e a métricas de dispersão com o objetivo de analisar a distribuição das comunidades ligadas aos dois lados por meio de estratégias de redução de dimensionalidade. Também recorremos à **análise de sentimentos** (Sentiment Analysis em inglês) que, junto com os sacos de palavras e a lematização, conseguiu identificar **25 grupos semânticos de pretextos para justificar o antifeminismo** e as emoções, os insultos e os argumentos mais recorrentes em cada lado, agrupados, por sua vez, em quatro níveis de representação.

FALAMOS MENOS E PIOR SOBRE IGUALDADE

Nos últimos anos, **o interesse pelo feminismo perdeu o impulso de maneira notável**, o que marcou uma mudança no debate digital globalmente. Um sinal claro desta tendência é a queda das buscas na internet. Nos últimos três anos, as **consultas sobre "igualdade" e "feminismo" caíram 40% e 50%**, respectivamente. Isto suscita uma pergunta essencial: estamos diante de uma fadiga do debate ou de uma transformação na maneira como a luta pelos direitos das mulheres é percebida e defendida?



Buscas no Google sobre "**Igualdade**" de janeiro de 2022 a dezembro de 2024 em **todo o mundo.**

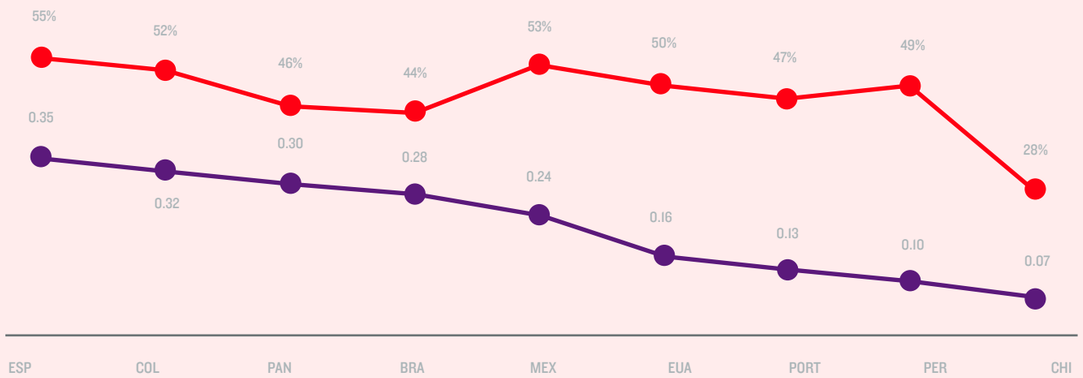


Buscas no Google sobre "**Feminismo**" de janeiro de 2022 a dezembro de 2024 em **todo o mundo.**

Recuperando o foco, nos 12 países analisados, as buscas sobre feminismo eram 60% maiores três anos atrás. A situação é mais grave no Equador e Portugal, onde a média de buscas em 2024 caiu mais da metade em comparação com a média dos dois anos anteriores.

Assim como caíram as buscas sobre questões relacionadas à causa feminista, **o debate global sobre a igualdade também estagnou, com uma redução de 3% no volume de conversas. O dado mostra como o debate que deveria nos impulsionar em direção à mudança está desaparecendo e nos redirecionando para a indiferença global.**

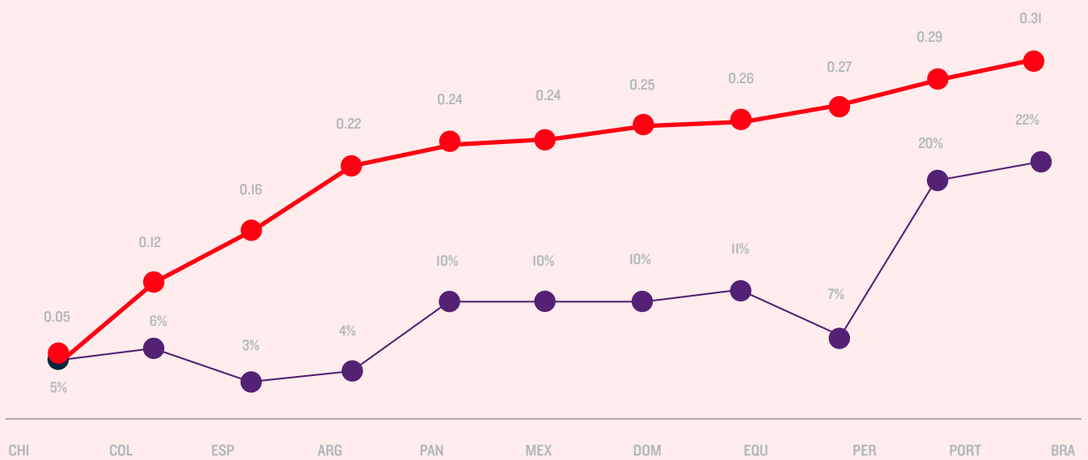
O que acontece quando falamos menos de igualdade? Nos países onde o debate sobre igualdade na agenda pública e social é menor, como é o caso do Chile, com um volume de conversas 27% menor do que na Espanha, **as comunidades feministas encontram-se mais isoladas e o debate tende a ser mais tenso porque se vê obrigado a contentar-se com responder aos ataques antifeministas.**



Volume feminismo vs antifeminismo (%)

Dispersão comunidades feministas (IQR)

No Chile, o antifeminismo é um caso particular, pois representa 72% do debate polarizado (somente 28% é feminista), ante, por exemplo, o caso da Espanha, onde o antifeminismo representa 45% (e o feminista 55%). Esta diferença esmagadora da distribuição dos lados provoca reações defensivas.



Sentimento Positivo no debate (%)

Dispersão comunidades antifeministas (IQR)

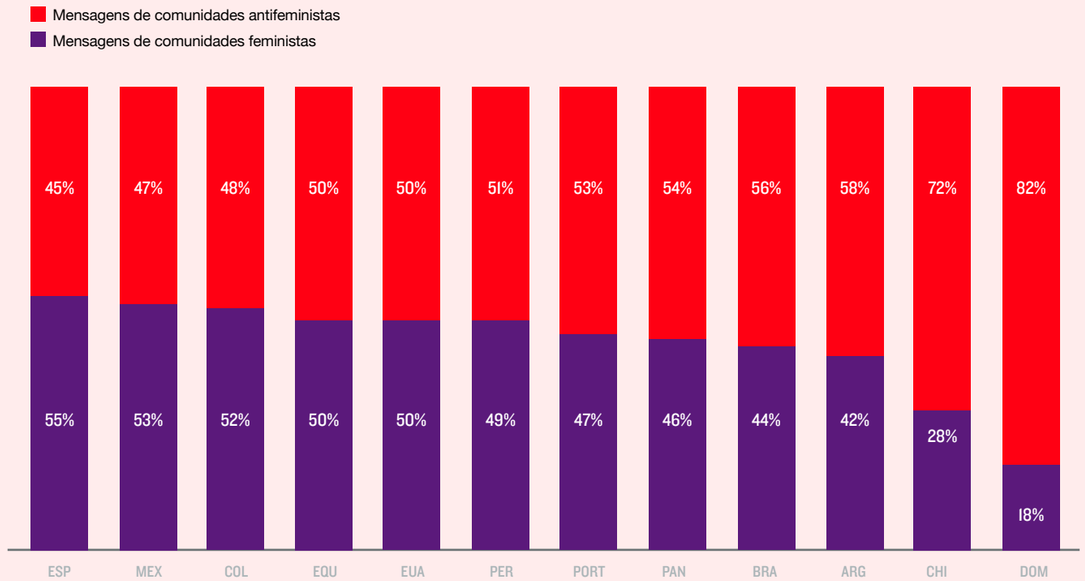
Países como Argentina, Espanha e Colômbia, que têm uma concentração de comunidades antifeministas três vezes maior do que a média, contam, por sua vez, com 25% menos conversas positivas ligadas ao debate sobre igualdade.

Mas o que acontece no caso contrário? **Falar mais sobre igualdade faz com que cresçam as vozes opostas, aquelas dos que se sentem excluídos ou ameaçados? Segundo dados da análise da conversa social, a resposta é não.**

Nas redes sociais, vemos que um debate maior sobre a igualdade versus antifeminismo tende a produzir comunidades feministas mais variadas e dispersas nos países, com uma correlação de 45%.

Isto levado a outros âmbitos como o empresarial, também demonstra que falar sobre feminismo e dar maior visibilidade ao tema é indispensável para gerar mais diversidade. Por exemplo, para se produzir uma mudança real nas empresas, a teoria da "minoria considerável" indica que um grupo minoritário deve alcançar entre 20% e 30% de representação para que possa ter impacto. Neste sentido, como aponta a McKinsey no seu relatório sobre o papel da mulher no trabalho, de 2024, contratar uma mulher não é suficiente para que a sua voz seja escutada em um conselho de dez membros, por exemplo.

No entanto, essa tendência é igual em todos os países? No Equador, México ou na República Dominicana, o debate anti-igualdade teve um aumento de 30% nos últimos três anos. Em países como Chile e República Dominicana, o lado antifeminista emite mais do que o dobro de mensagens do que o feminista, o que evidencia a virulência do discurso. Por outro lado, Panamá, Brasil e Espanha são os países onde o debate contra o feminismo mais tem caído, com uma média de 31% no último triênio.



[Gráfico: proporção de comunidades feministas e antifeministas por país]

O FEMINISMO, PRESO A UMA QUESTÃO DE "LADOS"

O debate sobre feminismo gerou uma polarização crescente. E, embora prefiramos não classificar este fenômeno em termos de "lados", a realidade é que as posturas ficaram cada vez mais opostas. Mas como esses grupos estão configurados? **Em 60% dos países, a análise reflete comunidades feministas mais diversas**, o que favorece uma maior variedade de opiniões e contribui para uma tensão menor, **ao contrário das comunidades antifeministas, que tendem a mostrar posturas mais rígidas e radicalizadas**, o que limita o diálogo e exacerba as tensões em torno do feminismo.

NO CHILE, A DISPERSÃO DO LADO ANTIFEMINISTA ENCONTRA-SE 79% ABAIXO DA MÉDIA, SENDO O LADO ANTIFEMINISTA MAIS RADICALIZADO DE TODOS OS PAÍSES ESTUDADOS.

Dispersão feminista vs antifeminista

COL	178%
ESP	119%
ARG	63%
CHI	56%
EQU	47%
PAN	28%
EUA	15%
DOM	0%
MEX	-2%
BRA	-10%
PORT	-57%
PER	-62%

Dispersão e diversidade das comunidades feministas versus antifeministas

NÃO PODEMOS FALAR EM UMA SOCIEDADE VERDADEIRAMENTE JUSTA ENQUANTO A IGUALDADE DE GÊNERO NÃO FOR ALCANÇADA.

O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

Mas o que realmente diz cada um desses grupos? **As mensagens antifeministas têm uma forte carga política; especificamente, quatro em cada cinco estão diretamente politizadas**, ou seja, relacionadas a comunidades lideradas por políticos. Por outro lado, dentro das comunidades feministas mais polarizadas, a comunicação também toma um rumo intenso. No entanto, o interessante é que, quando se definem, **as feministas tendem a argumentar seus motivos de maneira mais elaborada: 10% mais do que as comunidades antifeministas**, que geralmente apresentam respostas mais diretas e menos argumentadas. Este contraste não apenas reflete as diferenças entre os discursos como também as dinâmicas de comunicação que alimentam estas posições opostas.

Esta rigidez do discurso, além de limitar o debate, fomenta narrativas que distorcem a realidade. Enquanto o feminismo se fundamenta em dados verificáveis e análises rigorosas, os setores antifeministas promovem a ideia de uma suposta "discriminação inversa", que vitimiza os homens, ignorando as desigualdades estruturais existentes. Como observa Jordi Bonet-Martí, doutor em Psicologia Social pela Universidad Autónoma de Barcelona, **as comunidades antifeministas recorrem à manipulação de estatísticas para sustentar o seu discurso, apresentando números descontextualizados que ao invés de trazer clareza, reforçam os preconceitos atuais.**

Um exemplo claro disto é o uso de dados sobre a violência sofrida por homens, sem considerar que as mulheres continuam sendo as principais vítimas em contextos de violência entre casais ou agressão sexual, ou seja, correlacionando dados que não estão ligados. Foi o que expressou o presidente da Argentina, Javier Milei, no Fórum Econômico Mundial, onde afirmou que: "se alguém matar uma mulher, isso se chama feminicídio e acarreta uma pena mais grave do que se alguém matar um homem, apenas pelo sexo da vítima", ignorando deliberadamente os dados por trás disto. Na Argentina, foram registrados mais de 3.500 feminicídios. Somente em 2023, foram registradas 272 vítimas letais de violência de gênero, um número que longe de melhorar representou um aumento de 10,6% em relação ao ano anterior.

Além disso, estes grupos procuram desacreditar o feminismo por meio da ridicularização e do exagero, caracterizando-o como um movimento extremista que busca a supremacia feminina em vez da igualdade, e afirmando que a violência machista não responde a padrões sistêmicos, mas sim a episódios isolados de violência interpessoal. Esta estratégia de discurso não apenas nega a evidência sobre a violência de gênero como também prejudica os esforços para combatê-la e perpetua a desigualdade.

NO X, 50% SE OPÕEM À CAUSA FEMINISTA

Embora os movimentos anti-igualdade insistam na ideia de que o feminismo foi "longe demais", os dados refletem uma realidade muito diferente: **ainda estamos a 134 anos de alcançar uma verdadeira igualdade de gênero.** Segundo o Global Gender Gap Report, a desigualdade mundial entre homens e mulheres se mantém em 31,5 pontos sobre 100, e a sua redução avança a ritmo angustiantemente lento. Se esta tendência não sofrer retrocessos, **serão necessárias cinco gerações para podermos afirmar que vivemos em um mundo realmente igualitário.**

Além disso, de acordo com o Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS) na Espanha, **quase a metade dos homens (44,1%) acredita que a promoção da igualdade das mulheres chegou tão longe que agora os homens estão sendo discriminados.** Além disso, o King's College de Londres descobriu no estudo **Emerging Tensions** que uma em cada nove pessoas acredita que as mulheres vivem melhor do que os homens, e um em cada cinco homens afirma que hoje é mais difícil ser homem do que mulher.

Um reflexo claro disso é a conversa global analisada no **X, onde a metade da comunidade se opõe à causa feminista, enquanto que os outros 50% a apoiam.** Vendo estes dados alarmantes, nos perguntamos: como o debate sobre a violência de gênero caminhou para chegar ao ponto em que o progresso é negado? O que diz essa parte da comunidade contrária ao movimento?

OS QUE INICIALMENTE SE APRESENTAM COMO CÉTICOS EM RELAÇÃO AO FEMINISMO TAMBÉM TENDEM A RADICALIZAR-SE

Dentro do que denominamos comunidade antifeminista nas conversas nas redes sociais, vemos que 98% dos perfis têm opiniões "radicalizadas" e apenas 2% poderiam recuperar o interesse pela igualdade.

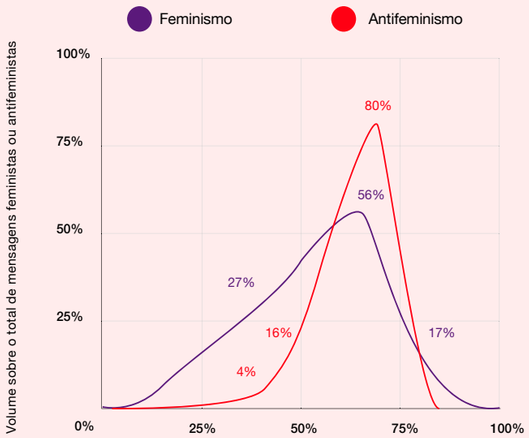
O futuro é ainda mais preocupante se levarmos em consideração que a probabilidade desses 2% de céticos se polarizar para o lado antifeminista é **1,6 maior do que a de se inclinar para posições mais moderadas**. Este risco é maior nos países onde as comunidades antifeministas estão mais concentradas, como Chile, Colômbia, Estados Unidos, Espanha e Argentina.

Isso significa que perdemos a possibilidade de nos encontrarmos? Entre os céticos em relação ao feminismo, apenas um em cada 20 o é porque considera que a igualdade já foi alcançada, o que significa cair em uma "miragem de igualdade".

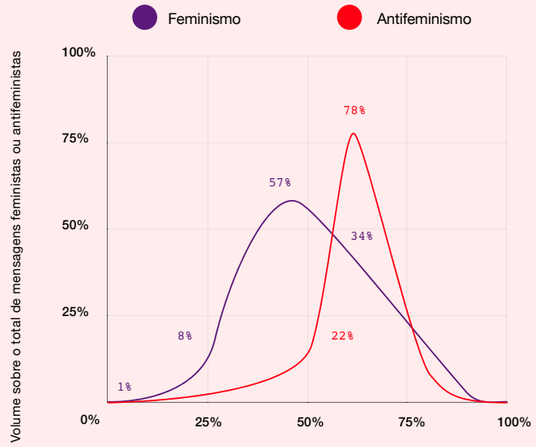
Além de variado, o lado feminista é mais moderado do que o antifeminista. Na Espanha, por exemplo, os moderados pró-igualdade representam um volume sete vezes maior do que os antifeministas moderados e céticos.

Ao analisar os temas que mais conseguem mobilizar as pessoas, vemos que a violência de gênero é o que mais desperta conscientização sobre a igualdade. Ela atinge um impacto 35% maior nos perfis moderados, tanto nos casos de violência como no de penalidades legais.

Sociograma da Espanha
Dispersão vs concentração

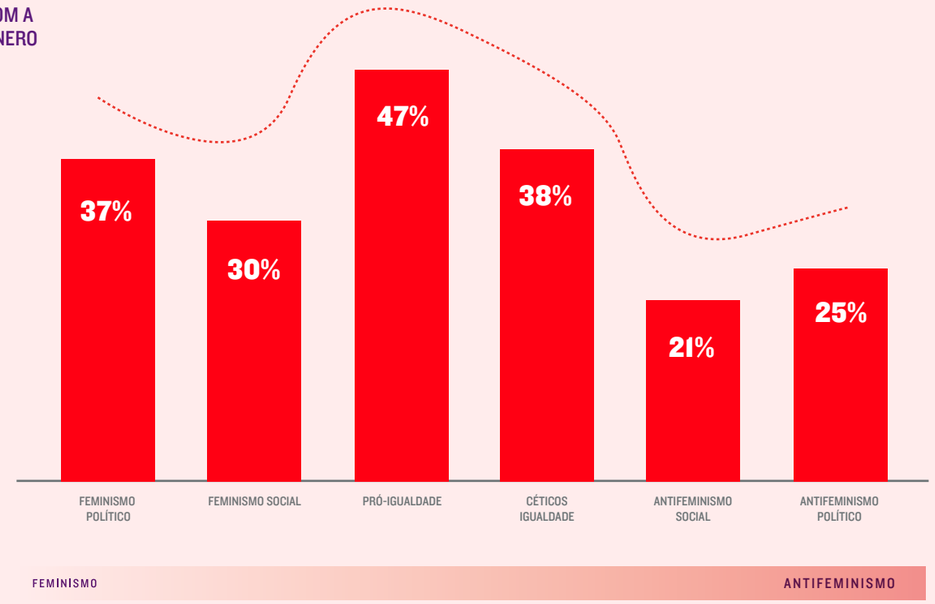


Moderação - Tensão
Dispersão na Espanha



Moderação - Tensão
Dispersão na Colômbia

PREOCUPAÇÃO COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ESPANHA



OS ROSTOS DA NARRATIVA ANTI-IGUALDADE

UMA EM CADA DUAS MENSAGENS CARACTERIZA AS FEMINISTAS PELA SUA IDEOLOGIA OU PELO SEU RADICALISMO

Trinta e três por cento da comunidade anti-igualdade acredita que o feminismo é radical. Não porque os dados respaldem isto, mas porque é assim que a narrativa deles foi construída. Os antifeministas criaram uma narrativa desenhada para minar a legitimidade do movimento, apresentando-o como uma ameaça liderada por um grupo "extremista". Esta estratégia de distorção ideológica não apenas condiciona o debate sobre os direitos das mulheres como também desvia a atenção dos desafios reais que impedem a conquista da igualdade plena.

Além disso, uma parte significativa dos que acreditam que o feminismo conquistou os seus objetivos ou que ele representa um perigo para a humanidade afirma ser contra o movimento porque ele representa uma causa alinhada a interesses políticos específicos. Mais especificamente, **22% desta comunidade associa o feminismo a figuras públicas, ideologias e interesses partidários de esquerda**, e o considera como algo incompatível com a sua identidade.

No entanto, se a visibilidade da violência contra a mulher é fundamental para erradicá-la, 20% das notícias sobre este tema ainda justificam as agressões, e colocam o foco na vítima, culpabilizando-a direta ou indiretamente pelo ocorrido, como já antecipávamos no relatório da LLYC do ano passado, "Desfocadas". Embora, como observado pelas Nações Unidas, uma em cada três mulheres experimente alguma forma de violência física ou sexual durante a sua vida, 75% das informações continuam colocando o foco nelas e não nos agressores, como recomendado pelos organismos internacionais.

Esta tendência é observada particularmente em conversas de **língua portuguesa** - sobretudo no Brasil - e de **língua espanhola** - Chile, Colômbia e Espanha -, refletindo também mudanças nas tendências políticas entre gêneros. No Chile, um dado revelador mostra que um terço das mensagens que relacionam o feminismo com a esquerda o interpretam como uma agenda estrangeira, desconectada das necessidades latino-americanas.

No entanto, ironicamente, foram os setores mais conservadores como o trumpismo que instrumentalizaram esta percepção para alimentar a sua agenda política, transformando a luta pela igualdade em um alvo de ataques e desfragmentação. Prova disto é que o próprio **presidente dos Estados Unidos prometeu desmantelar as políticas de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI)** em nível federal, uma medida que significaria um grave retrocesso nos direitos conquistados e reforçaria as barreiras estruturais que impedem a igualdade real.

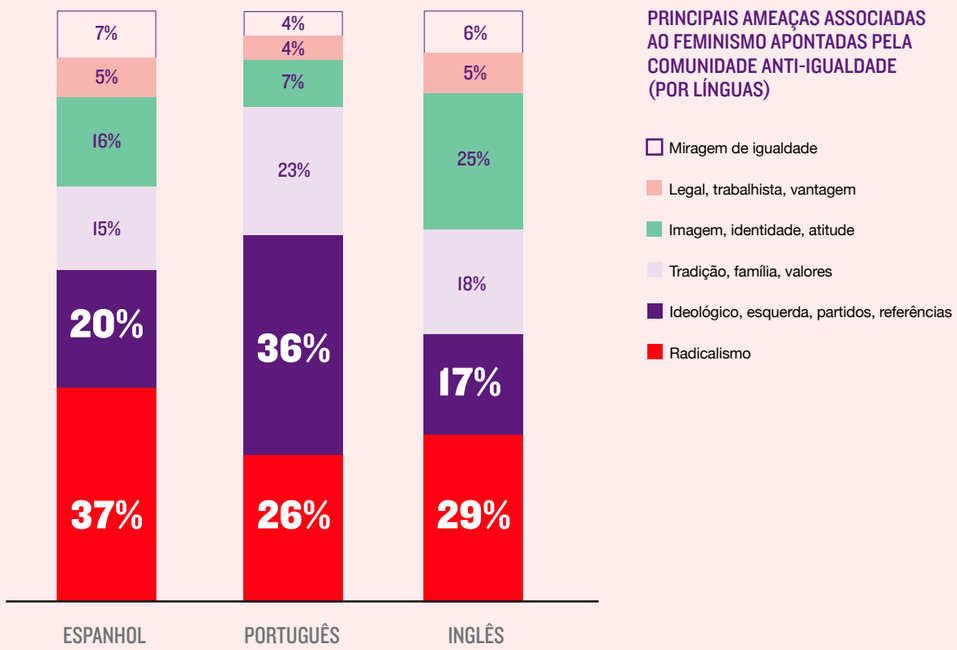
Desta maneira, o feminismo se vê destituído da sua essência e transformado em uma arma política que o afasta do seu propósito original: a luta pela igualdade. O resultado? Uma rejeição cada vez mais arraigada e uma polarização que continua crescendo. Os dados evidenciam isto: a última pesquisa do 40dB para os veículos espanhóis El País e Cadena Ser, Radiografía intergeneracional de la desigualdad de género [Radiografia intergeracional da desigualdade de gênero, em tradução livre], mostra como a identificação com o feminismo está profundamente marcada pela orientação política: apenas 24% dos eleitores do Vox e 35,2% dos do PP se identificam "muito" ou "bastante" com o movimento, enquanto que no espectro progressista os números disparam para 62,6% no PSOE e para 74,8% no Sumar. Além disso, uma pesquisa realizada pela Universidad de Talca no Chile, revelou que as pessoas que se autoidentificam com uma orientação política conservadora se recusam a identificar-se como 'feministas', enquanto que aquelas com uma orientação mais progressista se vinculam, e de uma maneira positiva, com o feminismo.

O FEMINISMO ENTENDIDO COMO AMEAÇA À FAMÍLIA OU AO CASAMENTO

Dezessete por cento da comunidade anti-igualdade acredita que o movimento feminista ameaça pilares tradicionais como a família, a natalidade, o casamento ou as relações interpessoais. Outros 15% acreditam que o feminismo distorce a "natureza feminina" ao promover uma identidade que, segundo eles, desmonta a hierarquia de valores que deveria reger a vida das mulheres.

Mas a narrativa se choca com a realidade pois **as mulheres continuam assumindo a maior parte dos cuidados e das tarefas domésticas.** Mais especificamente, segundo um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), as mulheres dedicam em média **mais do que o triplo do tempo dedicado pelos homens à prestação de cuidados não remunerados**, o que equivale a 4 horas e 25 minutos por dia, contra 1 hora e 23 minutos. Além disso, a edição de 2023 do estudo da McKinsey sobre a situação das mulheres em empresas dos Estados Unidos e do Canadá revela que 38% das mães com filhos pequenos afirmam que, sem opções de trabalho flexível, teriam tido que abandonar o emprego ou reduzir o horário de trabalho. Portanto, não é o feminismo que coloca em risco esses pilares. O que realmente afeta a estabilidade familiar e de trabalho é a distribuição desigual das responsabilidades.

Estas questões são observadas principalmente nos países lusófonos e anglófonos, **que evidenciam este enfrentamento com a tradição, a família e os valores com 20% mais intensidade do que no restante dos idiomas analisados**. No caso do espanhol, destacam-se dois países que também apelam para este discurso: República Dominicana e Peru, onde a igualdade de gênero, além de ser concebida como uma ameaça direta à configuração familiar tradicional e à estrutura matrimonial, é associada ao questionamento de práticas reprodutivas como o aborto. Estas críticas à igualdade contrastam com a evidência de um contexto em que, segundo o relatório Brechas de género en América Latina [Desigualdade de gênero na América Latina, em tradução livre], do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), normas rígidas de gênero continuam perpetuando as desigualdades estruturais.



E aqui está uma das verdadeiras chaves da rejeição: não é uma questão ideológica, mas uma resistência à perda de privilégios masculinos e à nostalgia de que "todas as épocas passadas foram melhores". Segundo o Barómetro de Juventud y Género [Barômetro da Juventude e Gênero, em tradução livre] do Centro Reina Sofía, na Espanha, **22% dos homens jovens entre 15 e 29 anos acreditam que as mulheres devem priorizar o cuidado familiar acima de tudo, e 10% consideram desnecessário que os homens aprendam tarefas domésticas ou de cuidados**. Assim, enquanto alguns insistem em ver o feminismo como uma ameaça, os dados deixam claro que o que realmente incomoda não é a luta pela igualdade, mas o fim de uma estrutura que historicamente beneficiou apenas um gênero.

Um argumento incômodo, o dos anti-igualdade, que não apenas demanda a perda de direitos de um grupo para favorecer o seu, mas que prefere retardar o avanço social e a economia para não se responsabilizar por uma parte das tarefas do lar. O último relatório da ONU sobre o "Panorama de Género 2024" [Panorama de Gênero 2024, em tradução livre] observa que **a desigualdade de gênero e a falta de igualdade no mundo representam um custo global anual de 10 trilhões de dólares.**

CULPADAS PELA "PERDA" DOS SEUS DIREITOS

Além disso, **8% dos que rejeitam o feminismo o associam a vantagens nas esferas trabalhistas e jurídicas** como as cotas de igualdade, e as entendem como um tratamento diferenciado em vez de uma ferramenta para corrigir desigualdades estruturais. Esta visão parte da ideia de que a igualdade deve ser baseada unicamente no mérito individual, sem considerar que as barreiras sistêmicas limitaram historicamente o acesso das mulheres a certas oportunidades. Assim, ao interpretar as políticas de inclusão como uma desvantagem para os homens em vez de um mecanismo para nivelar o ponto de partida, confunde-se equidade e injustiça. De acordo com os últimos dados do Banco Mundial citados no Global Gender Gap Report, **o teto de vidro existe e resiste: apenas uma em cada quatro posições C-Suite é ocupada por mulheres**.

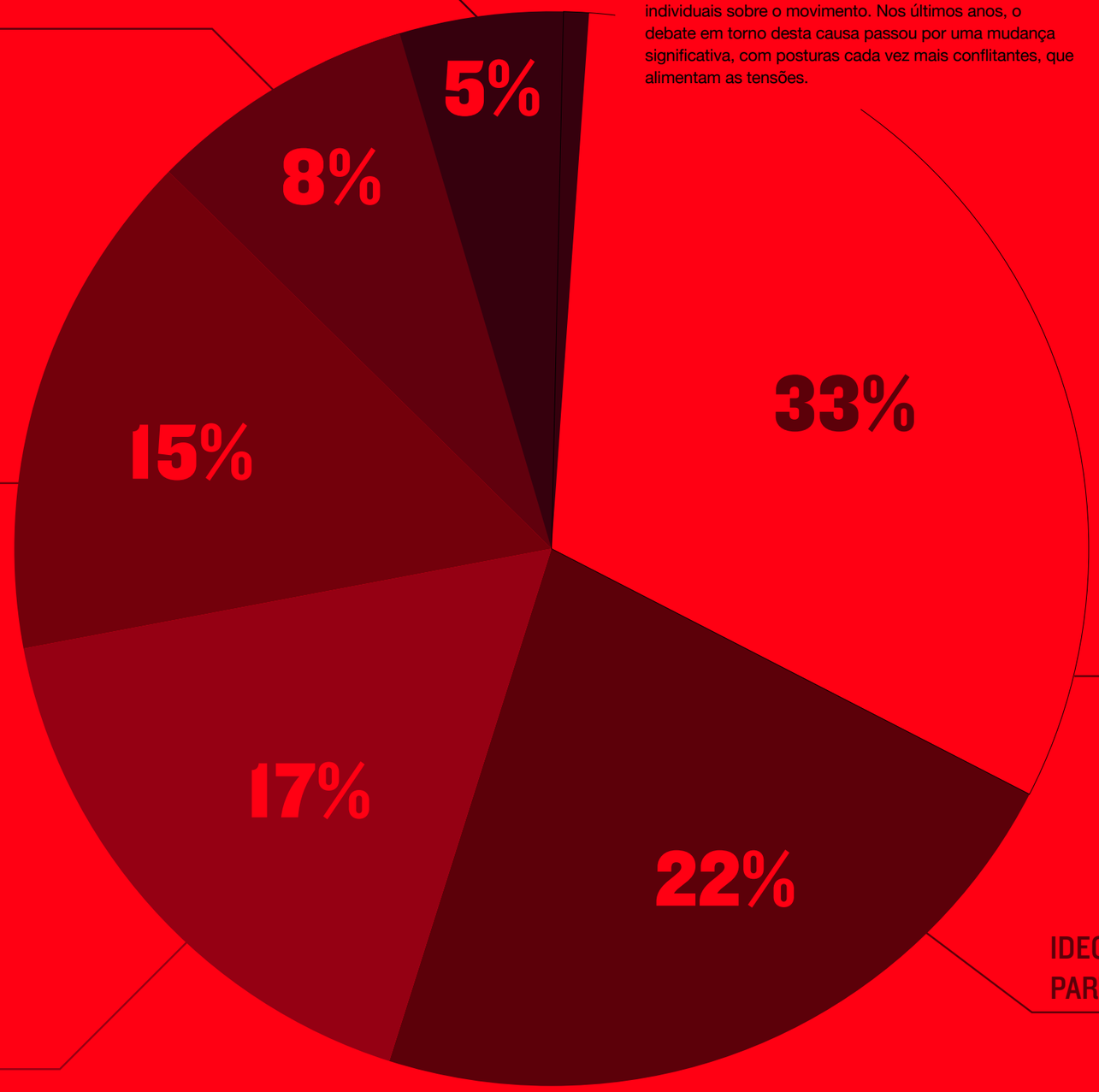
Outros exemplos claros são a percepção errônea de uma vantagem no sistema judicial para as mulheres e o estigma das denúncias falsas. Estes representam especificamente **18% das mensagens antifeministas na Espanha, duas vezes mais do que a média**.

Este falso mantra mostra as feministas como propulsoras de um sistema judicial que coloca os homens em xeque, apesar de, segundo a Memoria de la Fiscalía General del Estado de 2023, **ter havido apenas duas condenações por denúncia falsa, na Espanha, de um total de 199.282 causas de violência de gênero, o que representa 0,001%.** Do outro lado do oceano a situação é a mesma. No Uruguai, por exemplo, um estudo da ONU Mulheres com a Cátedra de Género y Generaciones da Universidad CLAEH mostra que estas sentenças representam menos de 1% dos casos.

A CRENÇA DA IGUALDADE ALCANÇADA

Por último, destaca-se **a crença de que já se alcançou a igualdade e que as demandas atuais são falsas, irreais ou, inclusive, exageradas e interesseiras (5%)**. Este argumento tenta convencer que a luta pela igualdade já não é necessária, ignorando que, apesar dos avanços, desigualdades importantes persistem em diversas esferas como a do trabalho, a política ou a social, o que demonstra que a igualdade real ainda está longe de ser uma realidade. Isto se reflete em vários estudos como o já mencionado Brechas de género en América Latina, que destaca que, embora avanços tenham sido conquistados, as regras culturais tradicionais continuam sendo um obstáculo crucial para conseguir a igualdade entre homens e mulheres.

O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

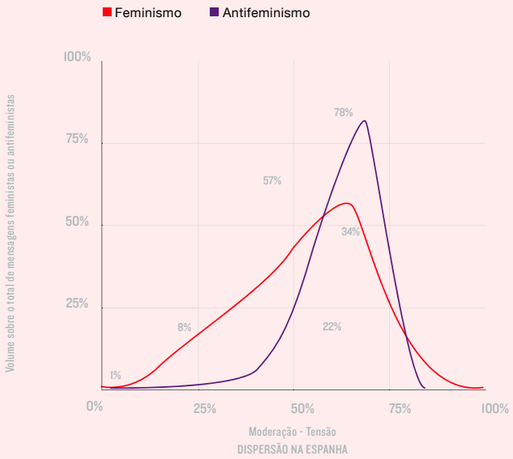


AS FIGURAS PÚBLICAS COMO ATIVADORAS DA POLARIZAÇÃO

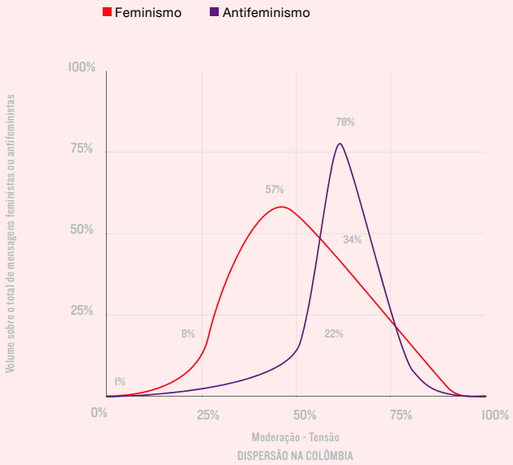
A política atravessa a nossa vida diária, desde as decisões cotidianas até as estruturas sociais, e o feminismo não é exceção. O seu impacto vai muito além da teoria, influencia os discursos midiáticos e as percepções individuais sobre o movimento. Nos últimos anos, o debate em torno desta causa passou por uma mudança significativa, com posturas cada vez mais conflitantes, que alimentam as tensões.

Assim, as comunidades com maior concentração de perfis públicos são as que mais se aproximam da radicalização. Segundo o estudo realizado pela LLYC, a **comunidade anti-igualdade que conta com mais perfis públicos da esfera política é a mais polarizada, com um radicalismo que varia entre 55% e 70% do total observado.** Comparando países, destacamos que na Colômbia, as **comunidades feministas com uma presença notável de figuras públicas são 40% mais moderadas do que na Espanha**, e adotam um discurso menos conflituoso e exigente. Enquanto as líderes colombianas que apoiam o feminismo costumam colocar o foco em temas relacionados com os direitos humanos e as vítimas de feminicídio, na Espanha a agenda feminista está associada principalmente à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e à violência de gênero em um sentido mais amplo.

ENQUANTO ALGUNS VEEM O FEMINISMO COMO UMA AMEAÇA, OS NÚMEROS DEIXAM CLARO QUE **A VERDADEIRA AMEAÇA É IGNORAR OS DADOS E ALIMENTAR A REJEIÇÃO COM TEMORES CONSTRUÍDOS.**



Politizados (alta presença de perfis públicos)



Feminismo de descontentamento social

Na Colômbia, a postura de figuras conservadoras como Vicky Dávila, política e escritora colombiana, contribui para que o feminismo seja um terreno ideologicamente complexo, em que certas posturas feministas são tidas como “antiquadas” ou “retrógradas”. Por outro lado, na Espanha, o debate é marcado pela influência do chamado “feminismo liberal” que, como afirma a intelectual e teórica feminista Nancy Fraser: *falha com a maioria das mulheres, pois deixa de fora setores como as pessoas migrantes e as minorias sexuais.*

GEOGRAFIA RADICAL: COMO O PAÍS ONDE NASCI INFLUENCIA MINHA MANEIRA DE PENSAR?

A análise global confirma uma realidade inegável: a polarização está presente e as diferenças entre comunidades estão cada vez mais acentuadas. Mas **o que os dados revelam** quando colocamos a lupa em cada país?

Entre os 12 territórios analisados, o **Chile é a comunidade com lados menos diversos**. Neste caso, o setor feminista é três vezes menos variado do que a média, enquanto o antifeminismo apresenta uma estrutura quatro vezes menos diversa. Por outro lado, o **Equador é o país onde tanto o feminismo como o movimento anti-igualdade mostram uma maior diversidade de posturas**. Neste contexto, o feminismo equatoriano supera em 55% a variedade observada em outros territórios, enquanto o antifeminismo é 22% mais plural do que a média global do movimento.

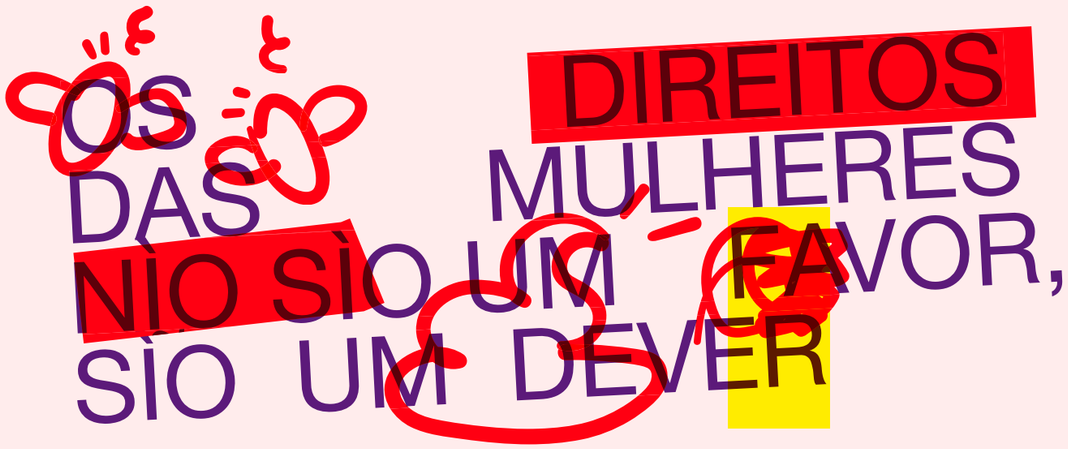
A Colômbia se destaca como o país onde a diversidade de opiniões no lado feminista difere mais do antifeminismo, com uma diferença quase três vezes maior. Em seguida aparece a **Argentina, onde o feminismo apresenta uma riqueza de posturas 63% superior quando comparado ao movimento anti-igualdade**, que se mostra mais concentrado e dogmático.

Seguindo no contexto latino-americano, o **Brasil se destaca como o país onde a comunidade feminista apresenta maior pluralidade de opiniões, com uma diversidade 48% superior em relação à média global**. O espectro de posturas deste movimento é significativamente mais amplo, o que reflete uma riqueza de perspectivas que mostra uma diferença considerável em relação a outros territórios. Por outro lado, no **México e na República Dominicana vemos um grau de dispersão entre as comunidades similar à média dos países.**

Como em toda regra, existe uma exceção: Peru e Portugal são os únicos países onde o movimento anti-igualdade é até duas vezes mais variado do que o feminista, que neste caso está mais isolado e se concentra em narrativas homogêneas.

Por último, destacamos que os **Estados Unidos mostram um grau de concentração similar em suas comunidades**. Porém, tanto o setor feminista como o antifeminista estão 55% mais concentrados e radicalizados do que a média.

	Dispersão comunidades feministas	Dispersão comunidades antifeministas
EQU	0.38	0.26
ARG	0.35	0.22
ESP	0.35	0.16
COL	0.32	0.12
PAN	0.30	0.24
BRA	0.28	0.31
DOM	0.25	0.25
MEX	0.24	0.24
EUA	0.16	0.14
PORT	0.13	0.29
PER	0.10	0.27
CHI	0.07	0.05



UMA DIVISÃO DELIBERADA ENTRE GERAÇÕES

Ao analisar as conclusões deste relatório, surge uma pergunta-chave que não podemos ignorar: por que estamos nesta situação? Que fatores impulsionaram esta crescente polarização, na qual os extremos não apenas não convergem, mas sim se distanciam cada vez mais? Estamos diante de uma evolução natural do debate ideológico ou diante de uma fragmentação deliberada? Entender as causas desta desigualdade é fundamental para refletir sobre o seu impacto e, talvez, vislumbrar possíveis caminhos para o diálogo.

As respostas não são simples, mas detectamos algumas evidências que podem nos aproximar dos motivos que contribuíram para este cenário de retrocesso generalizado. De acordo com a pesquisa *¿Cómo cautiva a la juventud el neoconservadurismo?* [Como o neoconservadorismo cativa os jovens?, em tradução livre] realizada na América Latina, nos últimos anos, o **setor neoconservador fez um grande esforço para captar as novas gerações, desenhando estratégias voltadas para a juventude como resposta à ascensão dos movimentos feministas**, entre outros. Um exemplo paradigmático é o impacto do movimento #*MeToo*, surgido nos Estados Unidos para dar visibilidade à violência e ao assédio sofrido por mulheres. O seu crescimento mundial não apenas gerou consciência e mudanças sociais como também uma onda de reações contrárias, que refletiram a tensão entre os dois polos ideológicos.

Mas como é possível que as gerações mais jovens – que historicamente também foram as mais progressistas – estejam rejeitando um movimento que advoga pela igualdade de direitos?

Se observarmos a situação na Europa, um estudo do John Smith Centre revela que, no Reino Unido, **os jovens começaram a se distanciar dos partidos tradicionais e moderados, e a se voltar cada vez mais para formações políticas menores e situadas nas margens do espectro ideológico**. Um fenômeno similar se destaca na Espanha, onde a juventude mostra uma clara divisão ideológica: enquanto a maioria das mulheres jovens se identifica com a esquerda, o segundo partido mais votado pelos homens jovens, depois do PSOE, é o Vox, de acordo com pesquisa do 40dB mencionada anteriormente. Além disso, segundo a pesquisa *The growing gender gap among young people*, nos Estados Unidos ocorreu um aumento significativo do apoio dos homens jovens a Donald Trump, uma figura política que atacou diretamente direitos conquistados pelas mulheres como o acesso ao aborto.

Isto demonstra que a ruptura não é apenas política mas geracional e de gênero. Segundo uma análise recente do *Financial Times*, baseada em dados do Gallup, **na Alemanha, a diferença de percepção entre homens e mulheres jovens chega a 30 pontos percentuais, e no Reino Unido essa diferença é de 25 pontos**, o que ressalta uma clara inclinação dos homens jovens para posturas mais conservadoras, enquanto as mulheres adotam cada vez mais um visão progressista. Fora do Ocidente, o desencontro é ainda mais extremo: na **Coreia do Sul e na China, a distância ideológica entre os gêneros está aumentando em um ritmo alarmante e é articulada por meio de movimentos como 4B, que rejeita as relações com homens como método de protesto contra os sistema patriarcal**. O seu nome faz referência a quatro "nãos" em relação a questões que em coreano começam com a letra b: não ao casamento, não aos "dates", não às relações sexuais e não a ter filhos. Isto não apenas reflete uma diferença de opiniões, mas propõe uma ruptura social com possíveis consequências em diversas áreas: desde a polarização política até a convivência familiar e entre casais.

O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

Se esta tendência persistir, que tipo de sociedade estamos construindo? Corremos o risco de perpetuar divisões mais profundas, que provoquem as bases das nossas relações sociais e familiares que estão sendo corroídas, o que poderia terminar em uma ruptura de gerações e de gênero que afeta as nossas dinâmicas mais essenciais.

A pesquisa do 40dB também destaca uma desigualdade de gerações e de sexos na percepção sobre o feminismo e a igualdade. **Apenas 35,1% dos homens jovens espanhóis entre 18 e 26 anos se considera feminista, contra 66% das mulheres da mesma idade. Além disso, os homens da geração Z são os que menos consideram necessário garantir a igualdade de salários entre sexos (65,6%)**, contra a opinião de homens mais velhos, que fica ao redor de 80%, e a das mulheres, em que a porcentagem oscila entre 80% e 90% nas duas gerações. O mesmo acontece nos Estados Unidos, onde **as mulheres da Geração Z são consideradas o grupo mais progressista e politicamente ativo na história do país, enquanto homens jovens tendem a ser mais conservadores e menos comprometidos politicamente**, segundo pesquisas compiladas pelo *The Guardian*.

Além disso, a rejeição a certos conceitos sugere uma profunda transformação da percepção da identidade masculina entre as novas gerações. De acordo com o estudo do King's College citado anteriormente, um percentual considerável dos **homens jovens não apenas rejeita o termo "masculinidade tóxica", como o interpreta como um ataque direto a sua própria identidade**. Em vez de ver este conceito como uma ferramenta valiosa para a autorreflexão e análise da violência e das estruturas de poder, muitos o consideram uma condenação contra si mesmos e sua forma de se relacionar com o mundo. Este fenômeno reflete uma lacuna crescente na compreensão dos problemas de gênero, onde o que deveria ser um espaço de diálogo e mudança, se transforma em um conflito de identidades que gera resistência e polarização, configurando um cenário de divisão cada vez mais complexo e profundo.

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA ERA DOS ALGORITMOS

Para além dos movimentos reacionários e políticos, existem outros fatores que estão aprofundando a divisão nas nossas sociedades e um dos mais influentes é o papel das redes sociais. De acordo com especialistas consultados pela *Maldita.es*, nos últimos anos **aumentaram os discursos que legitimam as atitudes machistas e possessivas nas relações de casal, sociais e, inclusive, de trabalho, especialmente entre o público masculino**. O formato da comunicação nas redes sociais, baseado em conteúdos curtos como vídeos e memes, favorece a difusão destas mensagens que são constantemente reforçadas por meio de algoritmos, gerando uma reação patriarcal que se retroalimenta no ambiente digital.

O impacto das redes sociais na polarização de gênero também é refletido na influência crescente de algumas figuras controversas. O estudo do King's College revelou que 30% dos homens entre 16 e 29 anos apoia ideias promovidas por Andrew Tate, um influenciador e ex-boxeador britânico acusado de estupro e tráfico de pessoas, que se autoproclama misógino. Este fenômeno reforça a ideia de que **os discursos machistas encontram um terreno fértil nas plataformas digitais**, onde os algoritmos amplificam esse tipo de mensagem.

Além disso, as mudanças nos papéis de gênero impulsionadas pelo feminismo são outra causa importante. Estes avanços geraram, em alguns setores da população masculina, uma percepção de perda de privilégios ou de mudanças de valores tradicionais, o que reforça a narrativa de que a igualdade foi "longe demais", como vimos antes. Um exemplo claro disso são as ideias desta comunidade sobre as relações de casal: **os homens jovens acreditam que meninos devem proteger meninas (53%) e consideram que o ciúmes é uma prova de amor normal (37%)**, de acordo com dados do *Centro Reina Sofía*. dados nos permitem vislumbrar o retrocesso preocupante, em que as ideias de controle e dominação continuam presentes na juventude e sugerem que, em vez de avançar em direção a uma maior equidade, alguns setores estão mais uma vez entrincheirados em modelos de masculinidade obsoletos e prejudiciais que nos lembram épocas que pensávamos que tinham sido superadas.

A desigualdade de gênero entre jovens não apenas se manifesta nos seus posicionamentos ideológicos como também na percepção do mundo e de si mesmos. A pesquisa *The Growing Gender Gap Among Young* People reforça esta ideia ao revelar que um **dos fatores fundamentais para esta divisão é o sentimento de isolamento e discriminação que muitos homens jovens sentem.**

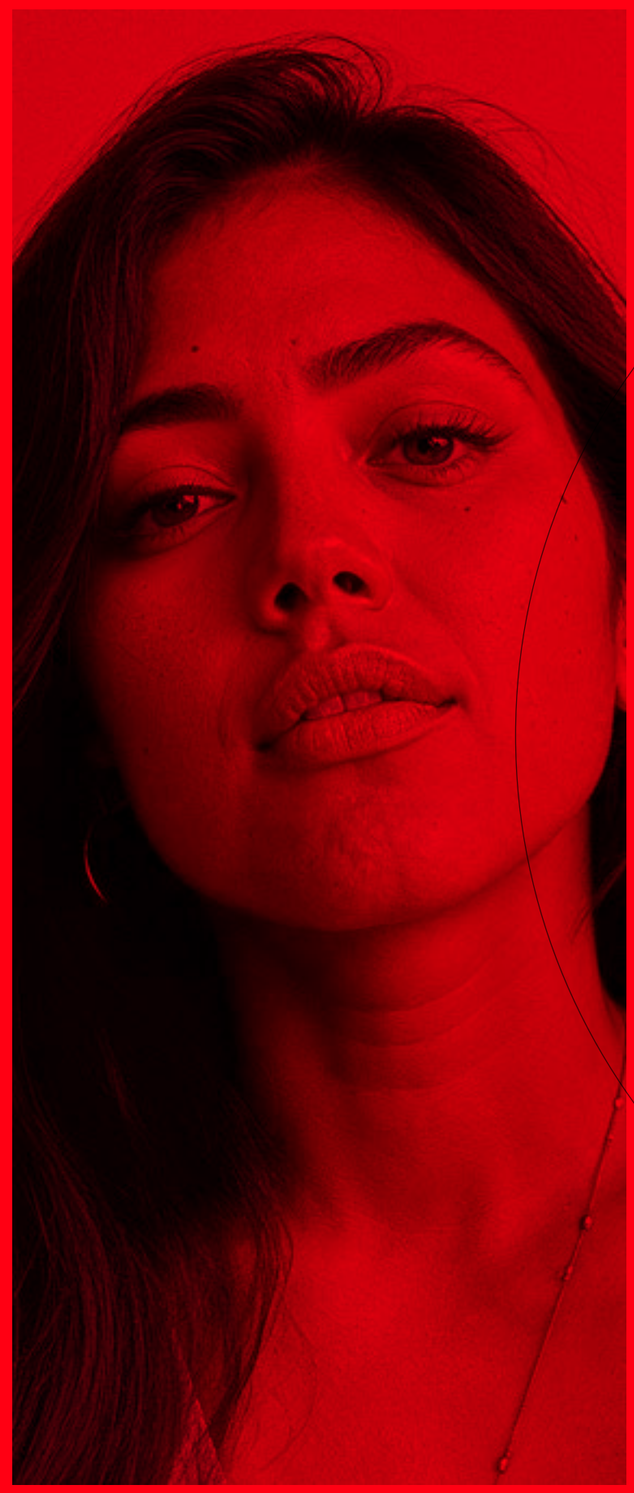
Segundo o estudo, nos Estados Unidos **quase metade dos homens entre 18 e 29 anos afirma sentir-se isolado ou discriminado**, algo que é corroborado se considerarmos as taxas de suicídio entre os homens, que foram quatro vezes mais altas do que entre mulheres em 2021, segundo um estudo de Harvard. Um fenômeno que pode alimentar o descontentamento deles e torná-los mais receptivos a discursos que apresentam o feminismo como uma ameaça à sua posição na sociedade. Este mal-estar, combinado com a amplificação das narrativas antifeministas nas redes sociais e as percepções errôneas de perda de privilégios, contribui para a radicalização dessas posturas e para o aumento das desigualdades de gênero, o que alimenta um círculo vicioso de desconfiança que nos leva à situação atual.

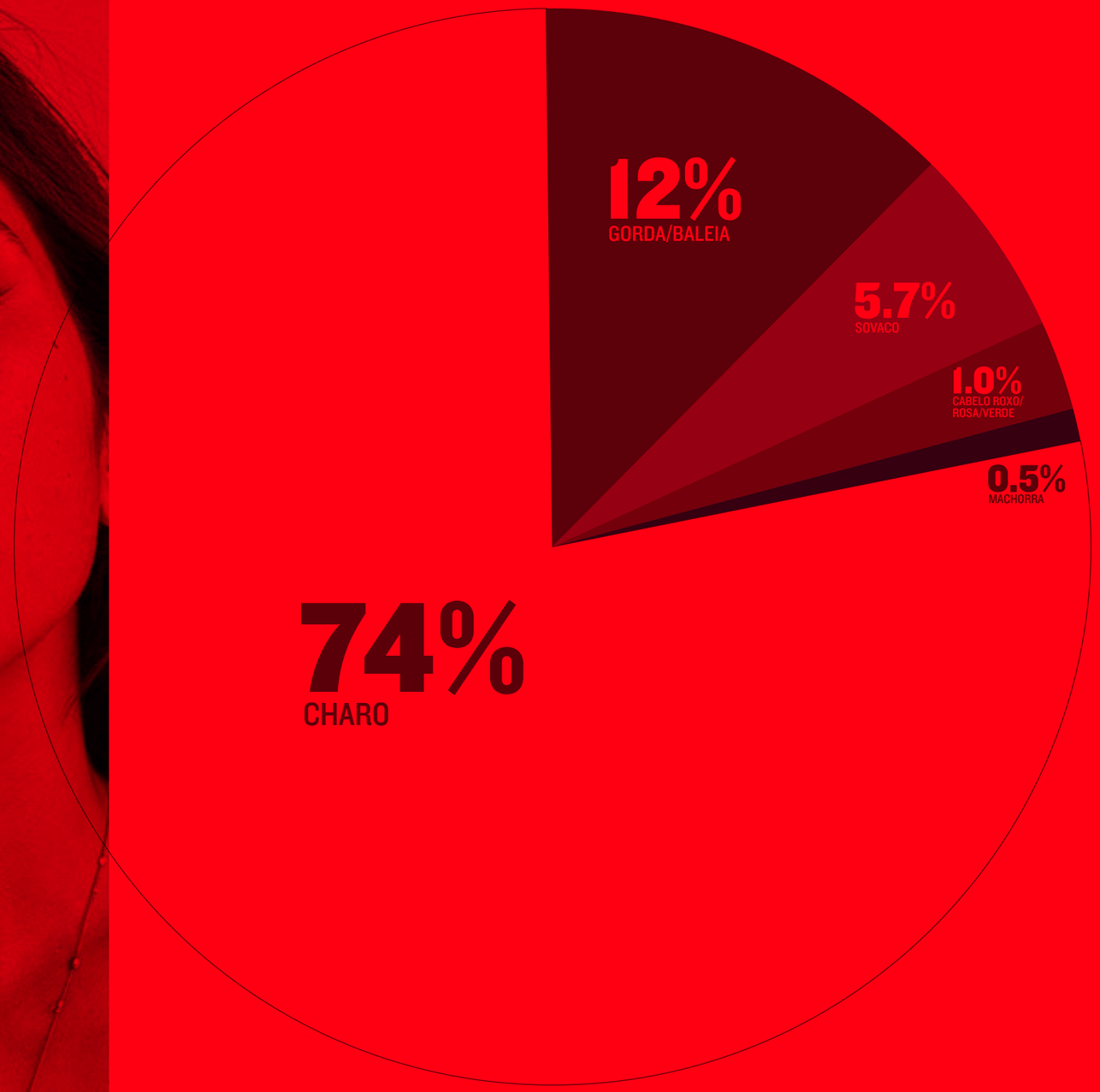
FEIÃ

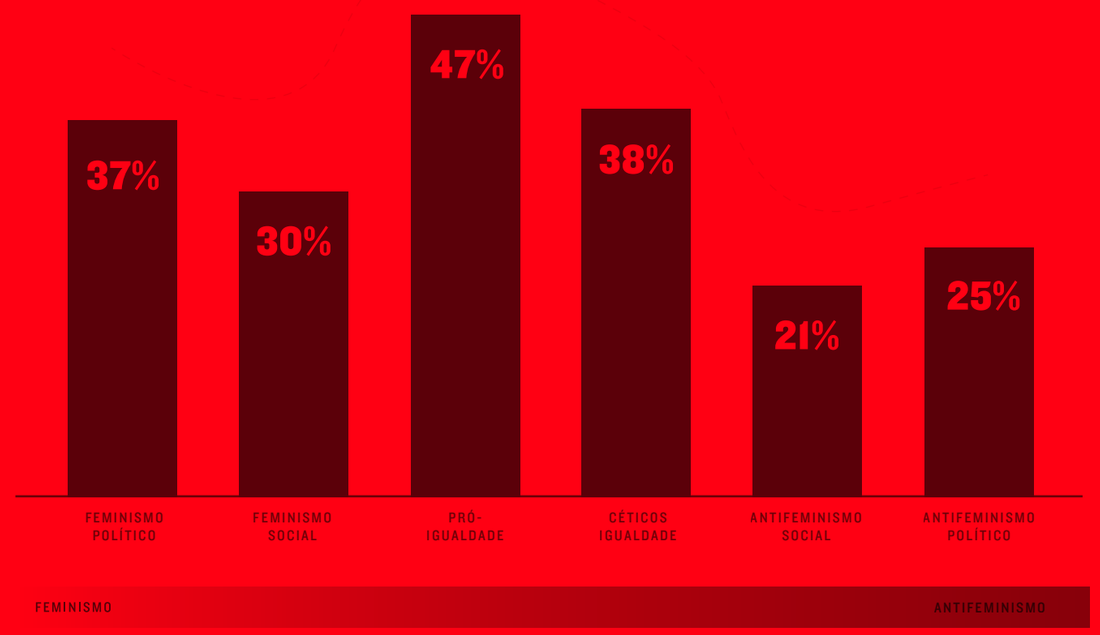
RADIOGRAFIA DO PÓS ANTIFEMINISTA

Apesar de a igualdade atrair a sociedade como um todo e de, segundo dados analisados, metade das conversas no X defender a causa feminista, existe um arquétipo deformado sobre as pessoas que defendem a igualdade de gênero. Por exemplo, na Argentina, uma em cada cinco mensagens que deslegitimam o movimento pela igualdade associa as mulheres a termos depreciativos como “puta” ou “mal-comida” e outros como “lésbica”, empregado com a intenção de menosprezo e em sentido pejorativo. É particularmente notável que **a maior parte desses termos ofensivos esteja relacionado com a orientação ou tenha cunho sexual**, criando, assim, um imaginário sobre o perfil das feministas no país.

Mas a percepção sobre as feministas é a mesma em todos os países? Na Espanha, por exemplo, o protótipo de feminista se afasta do terreno sexual e a estigmatização está relacionada à imagem delas: **uma em cada 25 mensagens antifeministas ridiculariza a causa fazendo alusões ao físico, como “gorda” ou “vaca”, à higiene corporal (“sovaco”) ou a determinadas tinturas de cabelo**, assim como à popularizada imagem de “Charo”, na Espanha, ou “Karen”, em países anglo-saxões, surgidas recentemente como crítica a mulheres feministas de meia-idade e progressistas (embora a primeira esteja associada a um perfil mais humilde e tradicional e a segunda esteja relacionada à prepotência da classe alta). Este tipo de insulto aparece em 15% do total das mensagens emitidas pelo lado contrário à igualdade e são dirigidos a **aspectos que têm a ver com a imagem ou a atitude das feministas**. Não é um caso isolado. Este tipo de mensagem é mais observada nos Estados Unidos, o país onde mais se apela a determinados tipos de comportamentos ou imagens associadas às feministas, duas vezes mais do que a média dos países analisados.
.







E se esses ataques ocorrem no ambiente digital, na esfera pública também se constatou que, por exemplo, as mulheres estão 10% mais expostas pelo seu aspecto físico do que os homens, de acordo com o relatório *Mulheres sem nome* (LLYC, 2023). Além disso, a imagem das mulheres também é julgada nos meios de comunicação, pois uma em cada 25 notícias que têm uma mulher como protagonista coloca o foco na sua maneira de vestir, 20% a mais do que no caso dos homens.

O INSULTO COMO ARGUMENTO

““Misógino”, “homem das cavernas” ou “retrógrado” são alguns dos termos mais utilizados pelas comunidades feministas polarizadas na Espanha. **A metade das mensagens dirigidas ao outro lado emprega termos conotativos** contra aquelas que não pensam como elas.

No entanto, do lado antifeminista, estas expressões foram tomadas como uma forma de vingança, usadas em mensagens de tom satírico ou irônico, para ridicularizar o modo como são abordados. A conversa feminista, em menor medida (uma em cada 33 mensagens), também recorre a este tipo de expressão irônica com o objetivo de se reapropriar dos termos pejorativos. Em comparação com os antifeministas, este lado utiliza construções 10% mais fundamentadas em suas argumentações, pois são comunidades mais dispersas e abertas ao diálogo.

Mas como os antifeministas insultam? Este tipo de comunidade apela para insultos anteriormente assinalados como “puta”, “prostituta” ou “gorda” três vezes mais do que o lado contrário. Além disso, **uma em cada três mensagens de insulto é curta, emocional e impensada.** Carmen Ruiz, socióloga especialista em violência de gênero e professora na Universidad de Granada, afirma que os “discursos rápidos”, materializados em vídeos curtos ou memes machistas são direcionados ”para a emoção e não para a razão”, e são uma “reação patriarcal retroalimentada continuamente pelos algoritmos das redes sociais”.

Outro qualificador controverso entre as diferentes posturas é o de “comportamentos sectários”, que se dá em maior medida nas comunidades politizadas do que nas anônimas. Na verdade, existem figuras públicas que recorreram a isto para se referir ao feminismo ou às pessoas que se identificam como feministas. O perigo deste discurso é que ele acaba sendo replicado em meios de comunicação e por meio das redes sociais - 22% mais por parte da corrente antifeminista -, fomentando a estigmatização do coletivo.

DEZ PRINCIPAIS CONCLUSÕES QUE APRENDEMOS NESTE RELATÓRIO

FILTRO

Uma iniciativa da **LLYC**

MAIS FEMINISMO, MENOS POLARIZAÇÃO

O estudo confirma que nos países onde o feminismo tem maior presença na agenda pública, o debate é mais diversificado e moderado. Por outro lado, nos territórios com menos discussão sobre igualdade, o discurso antifeminista torna-se mais agressivo e dominante.

Os dados demonstram: nos países com um debate sobre igualdade mais equilibrado, como **Colômbia ou Argentina**, a comunidade feminista é **55% mais diversa** do que a antifeminista. Por outro lado, nos territórios com uma forte carga antifeminista, como **Brasil ou Espanha**, a radicalização da comunidade antifeminista **supera 80%.**

Nas redes sociais, a correlação também é clara. Nos países onde o volume da conversa feminista aumentou nos últimos anos, como Panamá, Brasil e Espanha, a polarização diminuiu 15%. Em contrapartida, nos territórios onde a conversa feminista teve uma redução, como Equador, México e República Dominicana, o discurso de ódio cresceu em até 30%.

O ANTIFEMINISMO: ENDOGÂMICO, RADICAL E AGRESSIVO

Diferentemente do feminismo, a comunidade antifeminista se caracteriza pela sua **homogeneidade e rigidez ideológica**. Os dados do estudo revelam que no **Chile, na Espanha e nos Estados Unidos, mais de 75% dos discursos antifeministas provêm de comunidades altamente concentradas**, onde existem apenas diferenças internas. Isto significa que enquanto o feminismo fomenta o debate interno, o antifeminismo é um **bloco monolítico**, com uma narrativa única baseada na negação da desigualdade e na deslegitimação do feminismo.

Outra característica do antifeminismo é a sua **ligação com discursos políticos conservadores e ultradireitistas. No Brasil e nos Estados Unidos, 85% das mensagens antifeministas** estão vinculadas a comunidades ideológicas de direita ou extrema direita. No **Chile e na Colômbia, um terço das mensagens antifeministas** relaciona o feminismo com ideologias estrangeiras, reforçando a percepção de que se trata de uma ameaça cultural.

Enquanto o feminismo se adapta e argumenta, o antifeminismo **se fecha em si mesmo, repetindo padrões de ataque e desinformação**. O seu crescimento é baseado mais na reação e na rejeição do que na construção de um discurso próprio. Isto se reflete no **Equador e no México**, onde mais de 60% das mensagens antifeministas não incluem argumentos estruturados e se limitam a desacreditar o movimento feminista sem oferecer alternativas ou propostas.

O INSULTO NAS REDES: A MISOGINIA COMO FERRAMENTA DE ATAQUE

O relatório revela que uma proporção significativa das mensagens antifeministas se concentra em deslegitimar as feministas por meio de ataques à sua ideologia ou com acusações de radicalismo. **Na Argentina, uma em cada cinco mensagens antifeministas usa termos como "puta", "mal-comida" ou "lésbica" empregado com a intenção de menosprezo e em sentido pejorativo.** Na Espanha e nos Estados Unidos, o ataque está concentrado na aparência e na imagem, perpetuando estereótipos machistas que buscam desprestigiar a luta pela igualdade. Nas análises das conversas do X, fica evidente como os detratores do feminismo recorrem à ridicularização e ao exagero para caracterizar o movimento como extremista Este discurso normalmente é acompanhado de um tom satírico e de comportamentos sectários, o que dificulta ainda mais o diálogo. **Além disso, foi detectado que uma em cada três mensagens** antifeministas é curta e impensada, o que sugere a falta de análise profunda e uma maior predisposição para a reação impulsiva.

DO CETICISMO AO EXTREMISMO: O PERIGO DA TENDÊNCIA ANTIFEMINISTA

Os dados são claros: o ceticismo em relação ao feminismo raramente se traduz em posturas moderadas. Nas redes sociais, **98% dos perfis antifeministas já estão radicalizados**,e aqueles que ainda poderiam reconsiderar a sua postura têm 1,6 mais probabilidade de cair em discursos extremistas do que de se abrir para a igualdade. Esta tendência é mais alarmante em países como Chile, Colômbia, Estados Unidos, Espanha e Argentina, onde as comunidades antifeministas estão mais organizadas e concentradas.

Enquanto isso, o lado feminista continua sendo mais diversificado e moderado. Na Espanha, por exemplo, os defensores da igualdade superam em sete vezes os céticos moderados.

A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO É UMA LUTA PELA DIGNIDADE HUMANA

AFEMINAS

O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.

RESISTÊNCIA AO FEMINISMO: O VERDADEIRO PERIGO PARA A FAMÍLIA

Dezessete por cento da comunidade anti-igualdade vê o feminismo como uma ameaça à família e aos valores tradicionais, enquanto 15% acredita que ele distorce a hierarquia que deveria reger a vida das mulheres. **No entanto, a verdadeira ameaça para esses pilares não é o feminismo, mas a falta de corresponsabilidade e equidade.** Ainda hoje, as mulheres dedicam três vezes mais tempo do que os homens a tarefas não remuneradas, segundo a OIT, e 38% das mães dos EUA e do Canadá teriam tido que abandonar os seus empregos se não tivessem tido opções de trabalho flexíveis, segundo a McKinsey.

Em países como República Dominicana e Peru, a rejeição ao feminismo está ligada erroneamente à destruição da estrutura familiar e na Espanha, 22% dos homens acredita que as mulheres devem priorizar o cuidado familiar acima de tudo, enquanto 10% nega que os homens devam aprender tarefas domésticas.

DIVISÃO DIGITAL: COMO OS ALGORITMOS ALIMENTAM A DESIGUALDADE

As redes sociais amplificaram a polarização de gênero, favorecendo a propagação de discursos machistas, especialmente entre jovens. Os algoritmos de plataformas como X e Instagram priorizam a viralização de mensagens curtas, como vídeos curtos e memes, que amplificam e distorcem temas complexos. Em muitos casos, **os discursos antifeministas encontram terreno fértil nesses ambientes digitais, onde as relações rápidas e superficiais amplificam a resistência ao feminismo.**

Mundialmente, a polarização digital cria estigmas: na Argentina, 20% das mensagens antifeministas liga as mulheres a termos depreciativos. Além disso, as mulheres continuam 10% mais expostas a julgamentos sobre a sua aparência pública do que os homens, o que demonstra uma desigualdade persistente na representação de gênero nos meios de comunicação e nas redes sociais.

UMA GERAÇÃO DIVIDIDA: O CHOQUE IDEOLÓGICO QUE REDEFINE O FUTURO

Juventude já não é sinônimo de progressismo. **Enquanto as mulheres jovens se consolidam como o grupo mais feminista e politicamente ativo, um número crescente de homens jovens adota posturas muito conservadoras.** Na Alemanha e no Reino Unido, a desigualdade entre gêneros supera 25 pontos percentuais, e na Coreia do Sul e na China a diferença é ainda maior, com movimentos que rejeitam qualquer vínculo com os homens como protesto contra o patriarcado.

O neoconservadorismo capitalizou esta divisão, reagindo à ascensão do feminismo com estratégias direcionadas para a juventude. Na América Latina, o seu crescimento responde em parte à expansão de movimentos como o *#MeToo*, que geraram tanta conscientização como rejeição. Nos Estados Unidos e na Europa, o apoio masculino aos líderes que atacam os direitos das mulheres continua aumentando.

GEOGRAFIA RADICAL: COMO O LUGAR ONDE VOCÊ NASCEU INFLUENCIA A SUA MANEIRA DE PENSAR

A polarização ideológica varia significativamente de acordo com o contexto local, e os dados globais refletem uma divisão crescente entre comunidades. No Chile, por exemplo, tanto o feminismo como o movimento antifeminista são surpreendentemente homogêneos, sendo o feminista três vezes menos diverso e o antifeminista quatro vezes menos diverso do que a média mundial. Em contrapartida, o Equador se destaca pela sua maior pluralidade, com um feminismo que é 55% mais diverso e um antifeminismo 22% mais variado do que em outros países.

O Brasil, por sua vez, apresenta uma diversidade notável no movimento contrafeminista, com uma gama de posicionamentos 48% superior à média global.

FIGURAS PÚBLICAS, UM ESTOPIM PARA O DEBATE

A presença de figuras públicas no debate feminista está intensificando a polarização social. De acordo com o estudo, as comunidades que mais se polarizam são aquelas com maior concentração de perfis públicos, especialmente no setor anti-igualdade, onde a radicalização alcança entre 55% e 70% dos posicionamentos.

Em países como a Colômbia, o feminismo se mantém mais moderado em comparação com a Espanha, onde as figuras públicas feministas adotam uma postura de maior confronto. As figuras públicas, ao polarizar e radicalizar, dificultam um debate construtivo e alimentam uma narrativa de confronto.

DISTORÇÃO DA IGUALDADE: MEDOS E MITOS DO FEMINISMO

Um dos equívocos mais difundidos por quem rejeita o feminismo é o de que ele oferece vantagens injustas, como as cotas de igualdade, por interpretá-las como um tratamento preferencial em vez de uma ferramenta para corrigir desigualdades históricas. Segundo o Global Gender Gap Report, apenas um em cada quatro cargos de alta direção são ocupados por mulheres, o que evidencia a persistência do teto de vidro.

Outro mito frequente é a crença de que o sistema judicial favorece as mulheres, especialmente nos casos de violência de gênero. Na Espanha, 18% das mensagens antifeministas se concentram em acusações de denúncias falsas, um número que contrasta com as estatísticas reais: em 2023, apenas 0,001% das 199.282 causas de violência de gênero terminaram em condenações por denúncia falsa. Este tipo de narrativa distorcida perpetua a rejeição ao feminismo e freia a luta por uma igualdade genuína.

AUTORES

LUISA GARCÍA

Sócia e CEO de Corporate Affairs na LLYC

MIGUEL LUCAS

Diretor Sênior Global de Inovação na LLYC

YINA SÁNCHEZ

Gerente de Corporate Affairs na LLYC

ALEJANDRA ALJURE

Diretora Sênior de Corporate Affairs na LLYC

ALEJANDRO BURGUEÑO

Consultor Sênior de Inovação na LLYC

ICIAR RUBIO

Consultora de Corporate Affairs na LLYC

ALBA LINARES ROZADA

Consultora Junior de Corporate Affairs na LLYC

FILTRO

Uma iniciativa da **LLYC**

QUANDO O DEBATE VANDALIZADO PRECISA DO FILTRO DA IGUALDADE.